

## ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DOS USOS DA PREPOSIÇÃO “A” EM JORNAIS DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI

Jorge Augusto Alves da Silva<sup>1</sup>  
Julinara Silva Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** A preposição *a* se originou da preposição latina *ad*; era usada com a finalidade de expressar os conceitos de direção, movimento, proximidade e fim. Nesse sentido, coube-nos investigar que valores a preposição *a* passou a assumir na Língua Portuguesa, partindo das gramáticas históricas e prescritivas às gramáticas de uso. O objetivo principal com este trabalho é o de identificar os novos sentidos e funções que a preposição *a* assumiu ao longo de três séculos da Língua Portuguesa, bem como a frequência da ocorrência de tais funções e sentidos; para isso, aventamos a hipótese de que a preposição *a* foi, ao longo do tempo, assumindo novos usos e valores, passando do seu sentido base/prototípico (mais usual) para acepções mais abstratas. Como aporte teórico-metodológico, buscamos dialogar com gramáticos históricos, gramáticos normativos e com as discussões no âmbito da Linguística contemporânea. Trata-se de uma pesquisa documental, cuja análise é quantitativa e qualitativa, amparada teoricamente pela Sócio-história, cujos dados foram coletados nos jornais *A Penna* (séc. XIX e XX) e *Tribuna do Sertão* (séc. XXI). Os resultados apontam que a preposição *a* vem ganhando novos sentidos, transpondo da acepção de Espaço para Tempo, e desse para sentidos mais abstratos.

**Palavras-chave:** Preposição *a*. Sócio-história. Linguística.

**Abstract:** The preposition ‘*a*’ was originated from the Latin preposition ‘*ad*’; was used in order to express concepts of direction, movement, closeness and purpose. This point was up to us to investigate which values the preposition ‘*a*’ has taken on in Portuguese Language since historical and prescriptive grammars to grammar of use. The main objective with this work is to identify new meanings and functions that the preposition ‘*a*’ has taken on over three centuries of Portuguese Language, as well as the frequency of occurrence of these functions and meanings; for this, we hypothesize that the preposition ‘*a*’ was taking on new uses and values over time, going from its base/prototypical sense (more usual) to more abstract meanings. As theoretical-methodological approach, we seek to dialogue with historical grammars, normative grammarians and with the discussions under the Contemporary Linguistics. It is about a documental research analysis is quantitative and qualitative, it is supported theoretically by Socio-history, whose data collected in the newspaper *A Penna* (19th and 20th centuries) and *Tribuna do Sertão* (21th centuries). The results indicate that the preposition ‘*a*’ has winning new senses, transposing from the meaning of Space to Time, and from this to more abstract meanings.

**Keywords:** Preposition ‘*a*’. Socio-history. Linguistics.

---

<sup>1</sup> · Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil, e-mail: adavgvstvm@gmail.com.

<sup>2</sup> \*\*Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil, e-mail: julinarav@gmail.com

## Introdução

Alguns gramáticos da Língua Portuguesa, a exemplo de Barbosa (1866) e Almeida (1999), concebem as preposições como unidades destituídas de sentido. Já na visão de Poggio (2002), as preposições desempenham uma função considerável no texto, pois, enquanto itens conectivos e providas de significado, passam a ser carregadas de uma diversidade semântica. Segundo Bechara (2004), na língua, tudo tem significado, ou seja, é semântico e pode mudar de acordo com o papel gramatical de cada elemento linguístico. Em nosso escrito, fazemos reflexões acerca da preposição *a*, que consiste em nosso objeto de estudo, utilizando aparatos teóricos metodológicos próprios da Sócio-história. Para tanto, tornam-se esclarecedoras as abonações feitas por Givón (1995), Neves (2001), Poggio (2003), Pereira (2004), Ilari et al (2008), Mattos e Silva (2008) e Silva et al (2017).

Desde a passagem do Latim para o Português, as preposições têm assumido formas, funções e sentidos que se diferenciam na história interna da língua. Nesse sentido, interessamo-nos, nesta pesquisa, por observar os usos da preposição *a*, uma vez que ela figura entre aquelas cuja dinamicidade é significativa. Assim, procuramos retratar o desenvolvimento histórico pelo qual passou a preposição *a*, desde o Latim até o seu estabelecimento dentro de um paradigma no Português do Brasil, intentando responder às seguintes questões norteadoras: 1) Que sentidos e funções a preposição *a* assumiu e que sentidos e funções foram predominantes em jornais (*A Penna e Tribuna do Sertão*) ao longo de três séculos (XIX, XX e XXI)? 2) Qual a frequência da ocorrência de tais funções e sentidos?

Para a análise deste trabalho, buscamos compor os nossos *corpora* a partir de dados linguísticos observados em amostras retiradas de editorias, notícias e propagandas dos jornais *A Penna e Tribuna do Sertão*. A opção pelo texto jornalístico deu-se segundo a convicção de que, ao analisar a língua, devemos considerar as diferentes situações de comunicação, entre elas a escrita, pois interessa-nos o trato com dados reais da língua.

Esta pesquisa norteia-se a partir da hipótese de que a preposição *a* foi, ao longo da história das línguas, assumindo novos usos e valores, passando do seu sentido prototípico para acepções mais abstratas. Esperamos que esse trabalho contribua de modo significativo para os atuais estudos linguísticos, pois mostra a importância em se analisar o objeto de estudo sob a ótica da Sócio-história, cuja a finalidade primordial é o de se compreender a língua como um instrumento dinâmico, suscetível a modificações no transcorrer do tempo.

## A preposição *a* no Latim Clássico e Vulgar

A preposição latina que deu origem à preposição *a* foi a forma *ad* que, na passagem para o Português, sofreu redução fonológica a partir da apócope da consoante [-d]. Forcellini (1858) dá-lhe como origem provável a redução da preposição *apud* (*apud* > *ad*).

Saraiva (1896) aponta como emprego prototípico de *ad* a atendência, a direção para algum lugar ou para algum objeto, opondo-se às latinas *a* e *ab*. Guardia (1876) afirma que seu sentido mais definido está em indicar a presença ou a proximidade, bem como a direção, o fim. Entra na formação de diversos brocados e aforismas, indicando em sua maioria, inclusive por metáfora, o termo, o término ou o fim de algo ou de algum lugar, movimento ou não movimento.

Faremos um breve resumo do uso da preposição *ad* na língua latina<sup>3</sup>:

1. Lugar sem movimento, equivalendo a junto a: A Ásia situa-se (jaz) junto ao meridiano.
2. Lugar com ideia de movimento, equivalendo a para: Voltar aos seus.
3. Lugar (personificado) com movimento, equivalendo a contra: Contra Catilina.
4. Lugar com movimento demonstrando o limite, equivalendo a até: Ao alto do monte.
5. Tempo indicando proximidade, equivalendo a cerca de: Próximo ao inverno. Nasceu cerca de quarenta anos.
6. Instrumento equivalendo a com: Construir à mão.

Não se pode falar em uso da preposição *ad* sem fazer uma digressão ao uso do acusativo. Rubio (1983) informa-nos que, em Latim, o acusativo possuía dois empregos mais gerais: o primeiro representaria uma função estreitamente nominal, como complemento de verbos, sendo o segundo uma extensão dessa função atingindo a ideia de direção, prolongamento, fim, ou seja, um tipo de acusativo adverbial ao qual estaria a preposição *ad* relacionada.

O *acusativo adverbial* procuraria responder a duas perguntas, “quo” e “ubi”, já que, em tais construções, aparecem a preposição *ad*. Esta, por sua vez, possuía uma particularidade semântica, embora compartilhasse com *in* a possibilidade de responder à questão “quo”. *Ad* indicaria que o sujeito, de fato, não entrou no local indicado: *ad tribunal venit litigator*<sup>4</sup> apenas diz-se que o querelante veio às portas, ou seja, ante o tribunal; enquanto que *in*

---

<sup>1</sup> Segundo Faria (1962, p.27), a como preposição indica: aproximação, direção para (quase sempre com ideia de movimento) e refere-se tanto ao espaço como ao tempo. Exprime: 1- circunstância de lugar: a, para, até; 2- com nomes de cidades e pequenas ilhas, indica direção ou a chegada nas proximidades das mesmas; 3- sentido temporal: até, em, durante, por, dentro de; 4- proximidade em seus vários aspectos: perto de, junto de, em casa de, diante de (sem ideia de adição); 5- ideia de adição.

<sup>2</sup> O litigante veio ao tribunal.

*tribunal venit iudex*, isto é, o juiz não só foi, mas entrou no tribunal. Nessa acepção, *ad* opunha-se às preposições latinas *ab* (a) e *ex*.

Em relação à preposição *ad* respondendo à pergunta “ubi” (onde), destaca-se a ideia de proximidade. Devemos salientar que a preposição *in* e não *ad* era usada em caso de deslocamento e permanência, enquanto a *ad* se atribui ou se procurava atribuir a ideia de proximidade.

(1) *Ad urbem venire* / (2) *Ad urbem esse*

Como observa Rubio (1983), em Latim, o sentido do verbo, muitas vezes, bastaria para retratar “a permanência” ou “a movimentação”, o que traria reflexos em línguas como espanhol e francês: (3) *Je suis à Madrid*. (4) *Je vais a Madrid*. (5) *Estoy a Madrid*. (6) *Voy a Madrid*. Nesses casos, o emprego da preposição faz-se em menor grau de relevância, já que o verbo em si representaria a oposição [permanência vs movimentação], o que produziria certa opacidade em relação à preposição *a*.

No Latim Vulgar, a preposição *ad*, de acordo com Dubois, Mitterand e Dauzat (1993 [1964]), passaria a indicar também o complemento verbal, mantendo como possibilidade a ideia de movimento em relação a um ponto espacial ou temporal, num evidente caso de desbotamento, em que o item gramatical *ad* passa a assumir apenas a função de distinguir, cessado o forte sistema casual do Latim Clássico, quem é o sujeito e quem não é o sujeito de uma oração. Reflexos dessa nova configuração no Latim Vulgar atuariam, séculos mais tarde, no Espanhol, como regra para reconhecimento de um acusativo [+animado].

Voltar-se ao Latim para nele observar a existência, a recorrência e a diferença de um dado fenômeno nas línguas românicas não se trata de uma mera digressão, mas revela a necessidade de entender como usos linguísticos se mantêm ou são construídos com base em elementos de estágios do passado.

### **A preposição *a* na Tradição gramatical e na Tradição linguística**

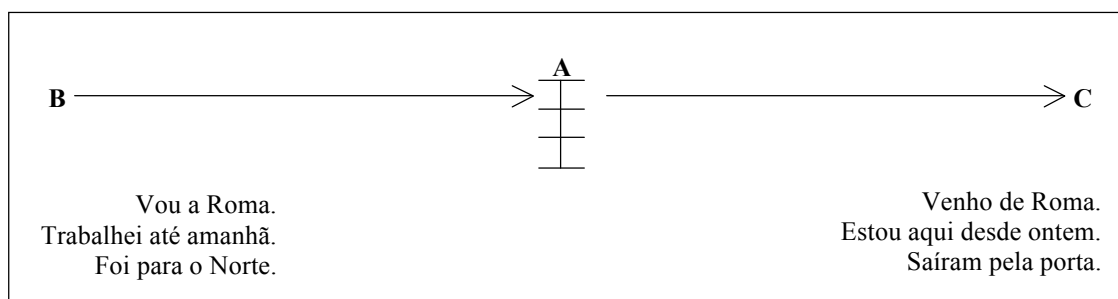
Na visão de Cunha (1975), as preposições são responsáveis por apontar uma gama de usos variados dentro do discurso, sendo que, para cada uma delas, tem-se a possibilidade de designar “uma significação fundamental”, pautando-se em noções de SITUAÇÃO e MOVIMENTO, ambas empregadas nos sentidos (a) espacial, (b) temporal e (c) nocional. A preposição *a*, como demonstra Cunha (1975), teria como função prototípica a noção mais concreta de espaço, afastando-se dela numa ampliação semântica até a extensão de sentido

que se encaminha para a noção. Traduzindo tal afirmação por meio de equações, teríamos: a) movimento-espço, b) movimento-tempo e c) movimento-noção ao lado de a) situação-espço, b) situação-tempo e c) situação-noção.

Rocha Lima (1992 [1975], p.322) assinala que a preposição *a* atua como elemento de conexão, quer “introduzindo o objeto indireto”, a quem ele se refere como “correspondendo ao emprego normal do dativo latino”, quer introduzindo o objeto direto “preposicional”, função em que a preposição *a* encontra-se esvaziada de seu sentido. Para o autor, essa preposição figuraria entre as que a Nomenclatura Gramatical Brasileira considera “essenciais”, isto é, originaram-se do velho Latim, sofrendo algumas alterações.

Cunha e Cintra (2001) dão destaque ao caráter delimitador da preposição *a*, bem como sua característica supérstite, matiz que não foi apagada pelo passar dos tempos: a noção de delimitação (espacial, temporal e nocional). Nesse percurso, enfatizam os gramáticos que, na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação ( $B \rightarrow A$ ) ou de afastamento ( $A \rightarrow C$ ), conforme Figura 1:

**Figura 1:** Oposição entre a preposição *a* e a preposição *de* conforme o critério aproximação-afastamento.



Fonte: CUNHA E CINTRA, 2001.

Fonte: CUNHA E CINTRA, 2001.

Bechara (2009), além das tradicionais relações entre os verbos e complementos, preocupa-se com as “circunstâncias” em que a preposição *a* figura como elemento introdutor. O gramático cita nove “valores”, a saber:

- A. Movimento ou extensão: *Levei-os ao Banco do Brasil.*
- B. Tempo em que uma coisa sucede: *Ia por ali às vezes.*
- C. Fim ou destino: *Tocar à missa.*
- D. Meio, instrumento, modo. *Fechar à chave, Falar aos gritos, andar a cavalo.*
- E. Lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: *Estar à janela.*

- F. Semelhança, conformidade: Falou *ao modo biblico*.
- G. Distribuição proporcional, gradação: *Um a um*.
- H. Preço: *A um real*.
- I. Posse. Tomou o pulso *ao doente*. (do doente). (BECHARA, 2009, p. 317)

Bechara (2009) reiteram a ideia de limite/delimitação já apontada por autores como Cunha e Cintra (2001). Tal aspecto da preposição *a* parece ser a mais saliente, já que os gramáticos esmeram-se em trazê-la em destaque.

Ao tratar da preposição *a*, Ilari et al (2008) reitera que essa preposição pode fundir-se com artigos, pronomes e advérbios de lugar, enquanto elementos de uma sentença, compondo uma única palavra; do mesmo modo, atribui ao termo *a* que se refere uma noção de ponto final de um percurso, atuando com um verbo de movimento, que tem como sujeito um regulador do estado de coisas. Vejamos os exemplos: (7) “*Ele já ia à escola da manhã quando eu comecei trabalhar.*” e (8) “*Eu quase não vou ao cinema*” (ILARI et al, 2008, p. 85).

Castilho<sup>5</sup>(2010) afirma que as preposições latinas, entre elas a preposição *a*, no momento em que se juntou a outros elementos da língua (advérbios, substantivos, adjetivos), passou a “encabeçar” estruturas locucionais, figurando em estruturas que vieram a se cristalizar em nosso vernáculo. Para Castilho (2010), a preposição *a* está em processo de permuta no Português do Brasil com as preposições “para” ou “em”, o que levará ao desaparecimento da primeira. A substituição de *a* por *para* deu-se pelo processo de recategorização, uma vez que “*a* provém do latim *ad*; reforçada por outra preposição latina, *per*, donde *perad*> português arcaico *pera*>português moderno *para*.” (CASTILHO, 2010, p.590).

Em sua gramática de usos, Neves (2011, p.605-621) informa-nos que, na preposição *a*, destacam-se o ponto de chegada ou ponto de referência ou meta, assim dispostos:

1. Com verbos com sentido [+dinâmico] indicando aproximação (“*Colei os braços ao corpo*”.) ou movimento em direção a um lugar (*Sáimos para ir ao cinema, ela adiante com Silvia, eu e Seu Camilo*.).

---

<sup>5</sup> Barbosa (*apud* Castilho, 2010), com fundamento na teoria localista, reconhece duas classes de preposições; a primeira refere-se às de estado e existência, a segunda às de ação e movimento, sendo está última a que a preposição *a* está inserida. Nessa classe, toda ação é um movimento, seja ele real ou virtual, com princípio (de onde parte), meio (por onde passa) e fim (para onde se dirige). Para o autor, o sentido comum a todas as preposições é o de localização no espaço ou no tempo.

2. Com elementos proximais ao locativo, verbos [+dinâmico] indicando mudança de lugar com direção ([...] *conduzindo-me a um canto, perguntou se eu apreciaria como protetor tão bonito pedaço de homem.*)

3. Com verbos [- dinâmico] indicando situação, equivalendo à *preposição em* (*Antônio Carlos já estava a bordo, para dar suas ordens.*)

4. Com substantivos, indicando direção: (“*Como o objetivo da viagem aos E.U. A. era só não obter os carimbos.*”)

5. De termo (limite) de movimento (“*A gente vai de Belém a Altamira pelo rio, um rio grande chamado Xingu.*”)

Entre as mais recentes pesquisas realizadas acerca das preposições, devemos citar os estudos de Poggio (2003). Essa autora assegura que, ao contrário do que afirmam gramáticos como Barbosa (1866) e Almeida (1999), pois ambos concordam que as preposições são elementos vazios de sentido, elas têm significação própria, pois, já que a preposição é um signo linguístico, possui tanto significante como um significado. No tocante à preposição *a*, Poggio (2003) afirma que a preposição latina *ad* era utilizada no Latim regendo o caso acusativo para expressar os conceitos de “direção”, “movimento para algum ponto”, “aproximação” e “junção de alguma coisa”. Conforme Poggio (2003, p.93):

Assim o desenvolvimento do uso da preposição foi paralelo à redução da declinação. Esse desenvolvimento teve seu início em relações concretas (de lugar, de tempo, de instrumento, de causa, de origem etc.) e os casos que as expressavam se enfraqueceram, chegando a desaparecer. (POGGIO, 2003, p.93)

Com base na leitura do estudo realizado por Poggio (2003), nos *Diálogos de São Gregório, corpora* de sua pesquisa, vimos que a partícula *ad* já se apresentava no Latim com certa variação, podendo ser empregada tanto com objetos inanimados como animados, este indicando o projeto que a ação se dirige.

Tal situação de instabilidade anunciada teria evidentes reflexos em usos nas línguas românicas; no Português e no Espanhol assumiria tal preposição valores nunca vistos na România, bem como entraria em inúmeras locuções (adverbiais e conjuntivas) inexistentes em Latim e até formaria, em atitude de complexidade, um elemento ausente na língua mãe: a preposição *para*.

Em um estudo abordando a gramaticalização da preposição *a* e sua interferência nos casos de “rivalidade” com *em* e *para*, França (2006) chega às seguintes conclusões:

1. A preposição *a* situa-se num processo de formação de locuções, sendo uma das preposições mais produtivas de nossa língua;

2. A preposição *a* também é a que mais sofreu desbotamento semântico, indo desde a noção espacial a um uso meramente estilístico, sustentando-se na língua em situações cristalizadas, como em “*Amará ao Senhor teu Deus*”;

3. A preposição *a*, no decorrer dos séculos XIV, XVI e XVII, construiu um percurso semântico que tem demonstrado que tal item gramatical encontra-se em alto grau de abstratização, pois seu uso vem sendo atrelado a diversas significações, partindo do mais concreto ao mais abstrato, numa escala contínua e progressiva: ESPAÇO →TEMPO→QUALIDADE<sup>6</sup>.

Tal distinção entre os usos da preposição *ad* pode, portanto, caracterizar uma possível indicação de uma atual variação sincrônica nas preposições da Língua Portuguesa.

### **Considerações sócio-históricas**

A abordagem sócio-histórica a respeito do fenômeno linguístico perpassa pelo fato de que uma língua mantém relação com a história da sociedade em que ela se constituiu, pois cada estado da língua resulta de um extenso (e contínuo) processo histórico. Conforme declara Silva et al (2017), a história social e econômica do Brasil está intrinsecamente relacionada com a variedade de língua que, tanto brancos, brancos de origem lusitana, negros, índios e brancos “empobrecidos” utilizam como modo de expressão.

De acordo com Pereira (2004), a complexidade da mudança linguística procede da natureza dos sistemas das categorias linguísticas que compreendem estruturas fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas, pragmáticas e discursivas que convivem não somente com o sistema conceptual humano, bem como os fatores sociais da época e eventos históricos.

Romaine (2009 [1982]) expõe que as pesquisas de cunho histórico passaram, mais uma vez, a despertar a atenção dos estudiosos. Ao pesquisar fenômenos linguísticos em textos antigos, a autora notou que os registros escritos também apresentavam indícios de variação linguística da mesma maneira que a língua falada apresenta. Para Mattos e Silva (2008), uma questão encontra-se ainda pendente: é a relação fala/escrita na documentação do passado, pois, para alguns autores, “[...] a linguística histórica é a história da língua escrita, mas sem a fala não se escreve, pode-se entrever ou entreouvir a voz através dos textos” (MATOS E

---

<sup>6</sup> Dentro de nossa abordagem, chamamo-la de NOÇÃO.



SILVA, 2008, p.20). No início do século XIX, foi a língua escrita que forneceu informações a respeito dos estágios evolutivos das línguas, todavia, tanto a escrita como a fala são importantes fontes de dados para as investigações linguísticas, uma vez que ambas constituem formas diferentes de caracterizar a mesma língua.

Ao trabalharmos com textos escritos de três séculos distintos, nos deparamos com a influência de acontecimentos históricos que compuseram esses períodos. Para melhor compreendermos tais intervenções, cabe discorrer, de maneira breve, sobre as principais ideias difundidas nos séculos XIX, XX e XXI. Assim, recorrendo à história temos, no Brasil, na segunda metade do século XIX, a instituição de um discurso nacional levantado por membros da elite brasileira, composta por intelectuais que ansiavam modernizar o percurso que o Brasil enquanto nação deveria seguir. Já o século XX foi caracterizado pela urbanização, pois a dinâmica social e espacial definiu o período através de um modo de vida mais urbano. Tinha-se uma sociedade marcada por inúmeras transformações que incidiram na produção, no consumo, nas relações sociais, políticas e culturais. Com a chegada do século XXI, o mundo tornou-se mais globalizado e trouxe significativas mudanças, como o progresso tecnológico e a importância dada à informação. O crescimento econômico possibilitou a ampliação das relações do Brasil com outros países e intensificou os avanços sociais sucedidos nas últimas décadas. Todos esses fatos, de alguma forma, influenciaram as mudanças sofridas pela nossa língua.

### **Contextualização dos *corpora*: jornais *A Penna* e *Tribuna do Sertão***

Em seu estudo, Luca (2010) informa-nos que, até o último quartel do século XX, eram escassos os estudos que se valiam de jornais e revistas para conhecerem nossa história. Havia um interesse em se escrever nossa história utilizando os recursos gráficos em circulação (ou já circulados) para traçar a “realidade” dos fatos sobre o nosso povo.

Nosso estudo fundamenta-se na convicção de que a língua deve ser analisada com base nas diferentes situações de comunicação, inclusive a escrita, reconhecida como digna de ser impressa e divulgada, como acontece com os jornais. Dessa feita, importa-nos o trato com dados reais da língua, pois é a partir do seu uso efetivo que se constrói o material necessário para as análises. Fundamentados nessa assertiva, elegemos, para a constituição dos *corpora*, textos do jornal *A Penna*, com edições publicadas nos anos de 1897, 1898 e 1899, 1901, 1902, 1905, 1912, 1915, 1917, 1919, 1925, 1930, e também do jornal *Tribuna do Sertão*, com edições dos anos de 2016 e 2017. O primeiro, por se tratar de um documento de outros

períodos históricos, foi coletado no Arquivo Público Municipal<sup>7</sup> da cidade de Caetité - Ba, cujo material encontra-se digitalizado e dividido por períodos (ano/edição).

O jornal *Tribuna do Sertão*, por sua vez, teve os exemplares coletados na sede da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/ *Campus XII*, no município de Guanambi. Por ser um impresso mais acessível, facilitou o trabalho de coleta. Do *Tribuna do Sertão*, foram selecionadas edições que ainda encontravam-se disponíveis, considerando que o periódico é gratuito e estava exposto para leitura.

Para uma melhor compreensão acerca dos periódicos pesquisados, a seguir, relatamos um pouco sobre a história e fatos importantes que circundam nossos *corpora*.

**Figura 2-** Frontispício do Jornal *A*



**Fonte:** A PENNA, Caetité – BA, ano II, n. 34, 1898.

O jornal *A Penna* foi um dos primeiros jornais a circular definitivamente na região do Alto Sertão da Bahia<sup>8</sup>. Foi considerado o principal órgão da imprensa da região e patrimônio da memória da imprensa baiana, sendo editado de 1897 a 1942, escrito e impresso em Caetité na tipografia do caetiteense João Antônio Gumes, que, a partir de 25 de setembro, fez circular o primeiro periódico regional, implantando de forma permanente, na região do Alto Sertão.

Até o ano de 1915, possuía duas edições mensais, com uma média de quatro páginas por edição; depois passou a quatro edições mensais, com uma média de seis a oito páginas

<sup>7</sup> O Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC) é o órgão responsável pela preservação e manutenção do acervo histórico e documental da cidade de Caetité, vinculado ao Sistema Estadual de Arquivos Públicos do Arquivo Público da Bahia. Os acervos de documentos textuais e iconográficos desse arquivo remontam ao ano de 1808 e estão abertos à consulta pública, sendo acessados por pesquisadores, visitantes, população local e grupos de estudantes.

<sup>8</sup> Na concepção de João Gumes, “[...] o Alto Sertão da Bahia é conhecido pelo vastíssimo território das caatingas, carrascos, chapadas, pseudo-matas, não vestido geralmente das uniformes e pujantes florestas a que se dá entre nós o nome de ‘matas’”. (*A Penna*, 1927, p.02)

cada uma. Algumas vezes, publicou-se edição especial do jornal em virtude da realização de algum evento (de ordem política ou educacional) importante na cidade. Dessa forma, segundo Reis (2010), apesar de poucos recursos financeiros e por estar restrito unicamente à região Sudoeste da Bahia, a publicação passou a ser quinzenal, embora tenha se sujeitado a várias interrupções por questões econômicas, resistindo até 1942.

De acordo com Reis (2004), a intenção de João Gumes com a criação da imprensa foi concretizar uma parte de um projeto pessoal mais amplo; pois, além de trazer informações sobre a vida da sociedade, das pessoas que viviam na região, “[...] ambicionava extinguir o analfabetismo em Caetité e em cidades circunvizinhas, acreditava que a melhor maneira para alcançar esse objetivo era o incentivo à leitura e à propagação de textos” (REIS, 2004, p.63).

O processo de circulação da cultura letrada em Caetité deu-se no final do século XIX e início do XX a partir da tipografia de Gumes, de algumas bibliotecas, entre outros espaços de sociabilidade. Para a autora, a existência de bibliotecas em residências de Caetité “estavam vinculadas ao gosto pelo hábito da leitura, ou talvez fossem uma condição de demonstrar a erudição ou, ainda, uma necessidade de vinculação às atividades profissionais de seu proprietário”. (REIS, 2013, p.10). As reportagens, propagandas e notícias divulgadas no jornal retratavam a vida cotidiana de uma parcela da população da área urbana e dos distritos.

Ademais, é de suma importância destacar a relevância e abrangência do jornal, visto que não se restringiu somente a Caetité, mas alcançou também cidades circunvizinhas, além de agregar assinantes em vários estados do Brasil, principalmente em São Paulo e Minas Gerais. Sua importância é assim resumida pela pesquisadora: “*A Penna* circulava em toda a região, com a divulgação de notícias tanto de âmbito local, como regional, estadual, nacional e internacional” (REIS, 2010, p. 56).

Por sua vez, o jornal *Tribuna do Sertão* foi fundado em 1985 pelo engenheiro Maurício Lima Santos, filho da historiadora Helena Lima Santos e sobrinho do ex-Primeiro Ministro do Brasil, Hermes Lima. Teve início em Caetité, porém, com a mudança de seu fundador para a cidade de Brumado; ali se instalou junto a uma empresa gráfica, passando a noticiar matérias sobre a vasta região sertaneja, com publicações e escritos de autores locais, como Dário Cotrim, de Guanambi – BA (atual diretor da Biblioteca Pública de Montes Claros-MG), Fabiano Cotrim, de Caetité – BA (Membro da Academia Caetiteense de Letras), Raimundo Marinho, de Livramento de Nossa Senhora, Luciano Ribeiro, de Caculé, José Walter Pires (membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel), entre outros. Com periodicidade quinzenal, um total de tiragem por volta de cinco mil exemplares e distribuição gratuita, o jornal *Tribuna do Sertão* circula em 46 municípios da Bahia.

**Figura 3:** Frontispício do Jornal *Tribuna do Sertão*



**Fonte:** TRIBUNA DO SERTÃO, Caetité – BA, ano XXXI, n. 1198, 2017.

No século XXI, os jornais impressos tiveram que se adaptar à realidade e às mudanças proporcionadas pela informatização e pelo advento da Internet. Apesar de o jornalismo impresso não ter desaparecido, apresentou uma queda considerável de vendas, considerando que muitos leitores migraram para o jornalismo digital. Dessa feita, o *Tribuna do Sertão*, atualmente, ao lado do site *Sertão Hoje*, cumpre a missão de manter a população informada sobre as notícias da região, através do jornal impresso e digital.

De franca aceitação pela vasta comunidade que o lê, o *Tribuna do Sertão* configura-se como um exemplo do que se escreve e do que se lê no interior da Bahia. Tal fato legitima-o para se tornar, como fizemos, um documento escrito da “realidade” linguística da região e dos utentes da Língua Portuguesa do interior da Bahia.

### **Os usos da preposição *a* com base na sócio-história da Língua Portuguesa**

A história do homem não é apenas uma duração linear, mas uma multiplicidade de tempos que se “emaranham e se envolvem uns nos outros” (FOULCAULT, 2000, p.293). Nesse sentido, devemos procurar, nos fatos da língua, elementos que possam esclarecer sua história, mas também ser explicados pela mesma história, observando-se as forças das pressões sociais sobre o que se escreve e o que se lê.

Destarte, não poderíamos apenas nos limitar a uma mera análise quantitativa, mas buscar, nos dados, uma forma qualitativa de interpretação, baseada nas estratégias usadas pelo utente para a construção de sua forma de dizer/escrever, uma sócio-história. Para tanto, tal pressuposto conduziu-nos a fazer uma pesquisa documental, a partir de dados referentes a três momentos históricos: os séculos XIX, XX e XXI; sendo assim, a análise perpassa por uma

perspectiva pancrônica, na qual fazemos a comparação, numa linha temporal, das alterações sofridas pela preposição *a* na história da Língua Portuguesa, tomando como referência o material analisado.

Para levantamento das ocorrências, que perfizeram um total de 577, destacamos os enunciados que apresentavam o uso da preposição *a*, das contrações “à” e “àquele/a/s” e da combinação “ao”. Optamos por conservar o registro ortográfico original dos escritos, mantendo os textos sem alteração, a fim de ser o mais fidedigno possível. Essas ocorrências foram retiradas de três gêneros textuais do domínio discursivo jornalístico – o anúncio, o editorial e a notícia.

A fim de manter a uniformidade das amostras, os enunciados foram organizados da seguinte forma: 1) Períodos (datas/séculos): ano/século e 2) Ocorrências destacadas e numeradas sequencialmente.

As amostras foram analisadas com base nas variáveis linguísticas a serem controladas para atenderem aos objetivos da pesquisa, codificando-as segundo o grupo de fatores em função de sua natureza (função prototípica, constituintes, função sintática, classificação dos adjuntos adverbiais, século, gênero textual e variante padrão e não-padrão), cuja escolha partiu das questões e hipóteses formuladas neste trabalho. Os dados foram contabilizados em suas diferentes frequências percentuais, utilizando como suporte estatístico o programa *GoldvarbX*, com o objetivo de obter resultados percentuais.

Por questões metodológicas, apresentamos cada grupo de fatores, nomeando-o, apontando os fatores que o compõem, seguido dos exemplos<sup>9</sup> extraídos dos *corpora*. No entanto, também por opção teórico-metodológica, discutimos brevemente, com base na sócio-história da Língua Portuguesa, os usos da preposição *a*, situando cada breve discussão segundo o recorte que empreendemos.

### **A noção de lugar: o sentido prototípico**

Segundo Castilho (2010), no Português, o sentido primeiro conserva-se na história de uma língua, mesmo que seja reconhecido como arcaico ou desusado; em nosso caso, a preposição *a* é empregada para satisfazer à necessidade de indicarmos o “ubi” (onde), mas também o “quo” (aonde), sem deixar de lado a força do deslocamento, a distância no espaço,

---

<sup>9</sup> Os exemplos estão identificados ao final, entre parênteses, com um código de identificação da ocorrência, seguindo a ordem: abreviatura do jornal, século, edição e página.

enfim, o movimento<sup>10</sup>, incluindo noções abstratas como a diferenciação de quem será ou não o sujeito-agente de um dado processo verbal: (09) *Matou o leão ao caçador*.

Seguindo essa linha, Givón (1986) apresenta a Teoria dos Protótipos, na qual o item avaliado como melhor exemplar de sua categoria é indicado como protótipo. Para o autor, estruturas [+prototípicas] estão no centro das categorias, visto que se configuram em estruturas mais cristalizadas. Nesse sentido, o protótipo, como demonstra Brito (1999), é o elemento mais típico, previsível, exemplar, característico, representativo de uma categoria, no nosso caso, de uma subcategoria: uma preposição dita essencial, a preposição *a*.

Em conformidade com Taylor (2001), as entidades são diferenciadas por seus atributos; membros [+prototípicos] de uma categoria compartilham mais atributos, enquanto que os [-prototípicos] partilham menos atributos e concebem estruturas marginais, assim estruturas [+prototípicas] tendem a serem mais usuais que as [-prototípicas]. Ainda, Taylor (2001, p.52) aponta que “[...] um outro fator importante para a identificação do protótipo é a *frequência de uso*, sendo ela um sintoma de prototipicidade”. (TAYLOR, 2001, p.52, grifo nosso).

Como nos fundamos no Funcionalismo para fazer nosso percurso sócio-histórico, temos que asseverar que a função não se centra apenas na forma ou no sentido, mas no uso que os falantes fazem de dada categoria. Observamos, nesse contexto, que existe um membro linguístico (paradigma) que concentra um número maior de propriedades – o protótipo. Ao passo que outros membros serão avaliados como menos prototípicos por possuírem um número menor de propriedades que qualificam a mesma categoria. Assim, para os funcionalistas, a partir da teoria dos protótipos, as categorias podem ser identificadas com mais precisão.

Portanto, a partir das discussões gramaticais apresentadas neste trabalho e anterior à análise dos dados, presumimos que a ideia de lugar encontra-se nos primeiros valores atribuídos à preposição *a* e tal valor lhe é indissociável, o que seria bastante para caracterizá-la em nossa língua. Tal qual postula Castilho (2010), sentidos novos a ela conferidos podem ter surgido por metáfora de destinação, como no caso do dativo, a quem se destina algo ou algo se dirige.

---

<sup>10</sup> O sentido de base das preposições é reconhecido quando elas expressam as categorias *posição no espaço, deslocamento no espaço, distância no espaço e movimento*. Contudo, os sentidos base convivem com outros sentidos, não prototípicos, chamados por Castilho (2010, p.585) de sentidos derivados, resultantes de processos metafóricos.

Nesse sentido, nossa hipótese é de que a preposição *a* apresenta como sentido prototípico a ideia de espaço e que os demais valores dele derivados foram construídos por metáfora, isto é, uma reinterpretação desse valor que, por sua vez, pode assumir diversas nuances. Para tanto, resolvemos controlar as ocorrências em que a preposição *a* é usada em seu valor prototípico e as em que esse valor não se verifica.

### **Tempo: o transcorrer dos séculos**

No campo da Linguística, destacamos as pesquisas históricas, cujos estudos objetivam analisar o desenvolvimento histórico de uma determinada língua, seu surgimento, o porquê e para que as mudanças sucedem. Esses estudos demonstram que, no decorrer do tempo, as línguas humanas passam por transformações; palavras e estruturas deixam de existir ou sofrem modificações na forma, na função e no significado. Mesmo diante dessas transformações, as línguas mantêm sua organização e proporcionam a seus usuários os recursos indispensáveis para assegurar uma comunicação efetiva.

Com base nessa premissa e considerando que a presente pesquisa contempla os séculos XIX, XX e XXI, partimos de uma abordagem pancrônica. Tal enfoque considera que o estudo dos fenômenos linguísticos só é completo quando examinados na sua evolução histórica.

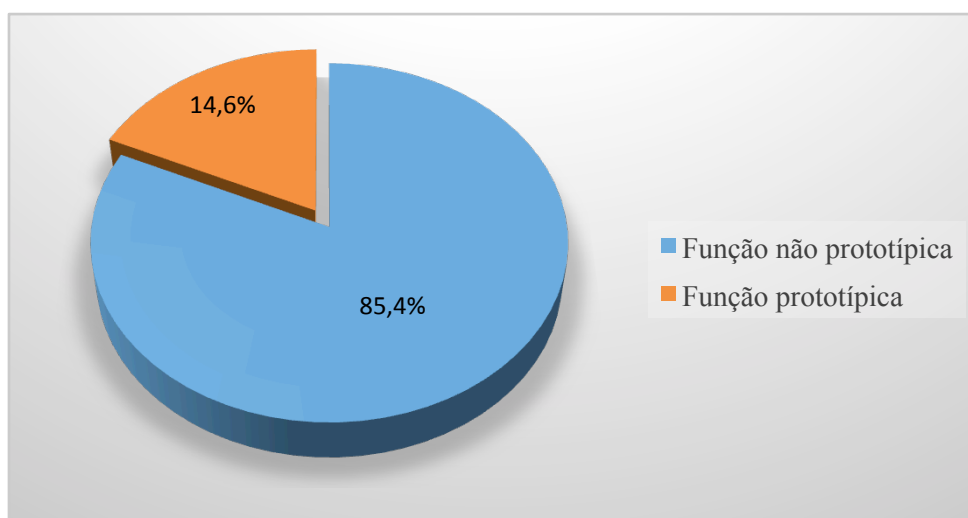
Assim, hipotetizamos que os usos da preposição *a* com indicação de lugar, no século XX, estejam mais ligados aos usos canônicos, considerando a influência da escola e de seu poder normatizador sobre os escritores. Assim, os usos menos prototípicos seriam dados à mais liberdade de expressão, o que foge ao preconizado por um período linguístico marcado pela popularização dos estudos gramaticais, especialmente daqueles que procuravam ver, nos jornais, uma fonte de representação do ideal imaginária de classes culturalmente mais privilegiadas.

É sabido que a língua, na sua dinamicidade, sofre transformações com o passar do tempo em decorrência de uma série de fatores advindos da própria sociedade, que também é totalmente mutável. Desse modo, cada estado da língua é resultante de um extenso (e contínuo) processo histórico, uma vez que a língua refletirá as gêneses discursivas de determinada época e, assim, no decorrer do tempo, irá intervir, revelar e estratificar o discurso, em representação das sociedades por meio da regularidade de uma prática.

## Análise e resultados

Como resultado das análises dos nossos *corpora*, obtivemos um total de 577 ocorrências da preposição *a*. Dentre essas, 84, ou seja, 14,6% do total de casos condizem com o ideal de prototipicidade, aqui vista como a forma típica, “previsível”, conforme explicita Brito (1999, p.78), sendo que 493 ocorrências, correspondente a 85,4%, não refletem o uso da preposição *a* no seu sentido de espaço. Tal frequência pode ser melhor visualizada no Gráfico 1:

**Gráfico 1:** Frequência geral da função prototípica e não prototípica da preposição *a*



**Fonte:** Elaborado pelos pesquisadores.

Para tornar mais claros os critérios que utilizamos, retiramos dos *corpora* algumas ocorrências que, em relação ao sentido espacial, podem exercer:

- Preposição *a* em sua função prototípica: lugar.

(10) “[...] *estatuetas da sala de visitas voltavam a seus postos, completamente esfregadas e lustrosas, graças ao bom gosto da Gilú, preta velha, dedicada à família.*” (APXIX 39 P2)

(11) “[...] *tanto que vou a Salvador se possível ainda este mês levar novos ofícios [...].*” (TSXXI 1159 P6)

- Preposição *a* em sua função não prototípica.

(12) “[...] *oferecendo perigo às crianças que os utilizam [...].*” (TSXXI 1160 P7)

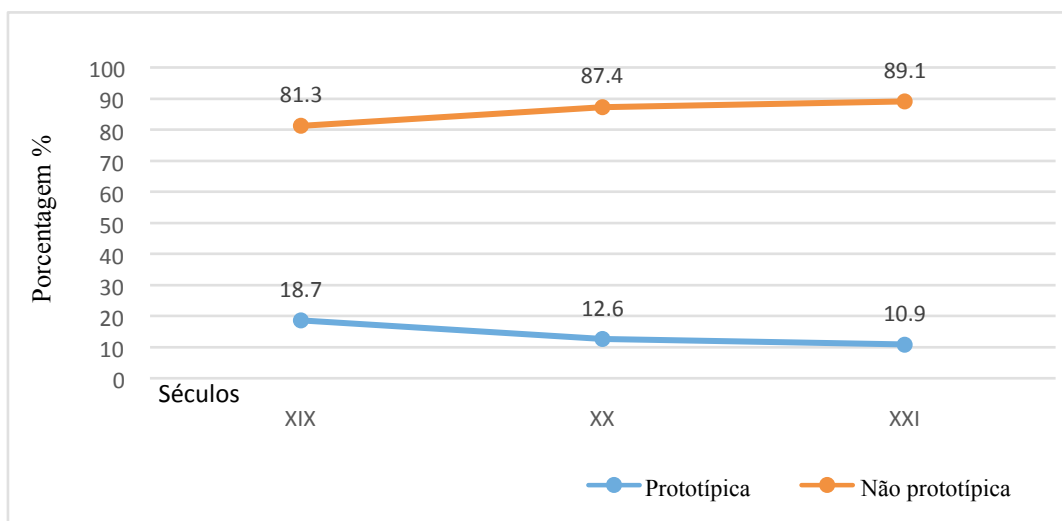
(13) “[...] *onde a água da servidão é provida por tanques e dando trabalho e meios honestos à classe sofredora, que certamente teria emigrado á falta de recursos.*” (APXIX 3 P3)



Constatamos que há uma maior frequência da preposição *a* para a função não prototípica por nós postulada; no entanto, a ideia de lugar verificada nos primeiros valores atribuídos a essa preposição se mantém, tendo em vista os casos detectados nos nossos *corpora*. Dos resultados, podemos concluir que a noção de espaço vista por nós como prototípica apresenta-se em grau maior ou em grau menor em outros usos que caracterizaria um espriamento do sentido de lugar. Assim, havíamos postulado que a ideia de lugar seria a forma mais predominante, o que nossos dados não comprovaram.

Ainda, com base na perspectiva histórica, buscamos analisar o processo de mudança linguística pelo qual a preposição *a* vem passando ao longo do tempo. Para tal propósito, selecionamos os séculos XIX, XX e XXI e, a partir dos dados obtidos, certificamos que, com a passagem do tempo, a função prototípica foi reduzindo e a não prototípica aumentando. Assim, temos para o século XIX o percentual de 18,7%; século XX, 12,6% e século XXI, 10,9%, em relação às ocorrências que apresentaram acepção espacial. Como é perceptível no Gráfico 2, a diminuição da forma não prototípica foi mais acentuada na passagem do século XIX para o XX, com uma diferença de 6,1%.

**Gráfico 2:** Função prototípica e não prototípica para os séculos XIX, XX e XXI



**Fonte:** Elaborado pelos pesquisadores.

Na análise dos dados, observamos que, nos três séculos, o maior percentual se deu para o uso de *a* indicando lugar com movimento, sendo que a maior taxa ocorreu no século XXI, 86%, enquanto que o sentido de lugar sem movimento apresentou 14%. Também constatamos que, dentre o percentual de ocorrências da preposição *a* que seguiam adjuntos adverbiais de lugar com acepção espacial, 57,4% se deram no século XIX e 22,3% no século

XXI, portanto houve um decréscimo de 35,1%. Constatamos que os usos da preposição *a* com indicativo de lugar, ou seja, com função prototípica, foram mais pontuais no século XIX e, com o passar do tempo, tendenciaram à função não prototípica.

Em sua pesquisa, Poggio (2003) verificou que, como resultado da análise de um *corpus* do século XIV, a passagem do Latim para o Português intensificou o crescimento do campo semântico da preposição *a*, partindo do sentido mais concreto para o mais abstrato. A autora ainda destaca que nos séculos XVI e XVII identificou-se o uso de *a* com sentido de tempo.

Quanto aos gêneros textuais, os dados (prototípico e não prototípico) para o gênero Propaganda, comparado com os demais, foram os que evidenciaram maior taxa de ocorrências com sentido espacial, ressaltando que a diferença entre a função prototípica (42,9%) e não prototípica (57,1%) dentro desse gênero foi pequena. Ainda, acerca da Propaganda, o maior quantitativo da forma prototípica ocorreu no século XIX, diminuindo consideravelmente nos demais.

### **Considerações finais**

A partir das investigações empreendidas com este estudo, foi possível verificar que os resultados demonstram que a preposição *a*, com o passar dos anos, foi adquirindo novos valores, ampliando os usos, transpondo da acepção de Espaço (função prototípica) para Tempo, e deste para sentidos mais abstratos (modo, posição, distribuição, causa, quantidade, preço, entre outros).

Numa perspectiva histórica, analisamos que, ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, a função prototípica para a preposição *a* foi reduzindo, pois observamos que, quanto à frequência de usos da preposição *a*, a função prototípica esteve presente em apenas 14,6% do total de 577 ocorrências e 85,4% refletiram o uso da preposição *a* sem o sentido espacial. Houve um considerável número de ocorrências da função prototípica para as acepções de espaço com e sem movimento, o que nos leva a entender que a prototipicidade para a preposição *a* é recorrente ao indicar lugar, principalmente quando expressa movimento, correspondendo a 33 casos de um total de 84, sendo que a maior taxa ocorreu no século XXI, um total de 86%.

Por fim, a partir dos estudos realizados e das análises até aqui concluídas, entendemos que as preposições passam a acrescentar, gradativamente, funções antes exercidas pelos casos (Latim) e, à medida que se perdem, vão determinando o emprego de palavras de outras

categorias com a função de preposição na Língua Portuguesa. Estudos como este podem esclarecer as mudanças linguísticas pelas quais vêm passando a preposição *a*, pois, como afirma Neves (2011), várias formas apontadas pelo sistema como estáveis modificam-se devido a certas condições, adquirem novos valores e produzem novos significados, ou seja, ressignificam-se.

## Referências

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BARBOSA, J. S. *Gramática philosophica da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Academia Real de Sciencias, 1866.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BRITO, R. H. P. de. *Teoria dos protótipos: um princípio funcionalista*. Todas as letras: n. 1, 1999.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, C. F. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC-FENAME, 1975.
- \_\_\_\_\_; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DAUZAT, A.; DUBOIS, J.; MITTERAND, H. *Dictionnaire étymologique et historique du français*. Paris: Larousse, 1993 [1964].
- FARIA, E. *O Dicionário escolar latino-português*. 3. ed. Brasília: MEC, 1962.
- FORCELLINI, A. *Totuis latinitatis lexicon*. 6 v. Prati: Aldianis, 1858.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRANÇA, I. S. *Gramaticalização da preposição a e a interferência de campos semânticos entre as preposições a, em e para*. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006. (Dissertação de mestrado)
- GIVÓN, T. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, Colette (Ed.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1986.
- GUARDIA, J-M.; WIERZEYSKI. *Grammaire de la langue latine*. Paris: Durand ET Pedone-Lauriel, 1876.
- ILARI, R.; NEVES, M<sup>a</sup> H. de M. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. V. II. Classes de Palavras e Processos de Construção. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

LUCA, T. R. de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, M<sup>a</sup> H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2011.

PEREIRA, T. L. G. A mudança linguística. In: PEREIRA, T. L. G.; POGGIO, R. M<sup>a</sup>. G. F.; HEINE, Â. E. F. P. (Orgs). *Linguística & literatura: ensaios*. Salvador: Quarteto, 2004.

POGGIO, R. M<sup>a</sup> G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português – uma abordagem funcionalista*. Salvador, EDUFBA, 2003.

REIS, J. P. M. *Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: o caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928)*. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2010. (Dissertação de mestrado)

\_\_\_\_\_. *Circulação de cultura letrada e a comunidade de leitores em Caetité-ba (1897-1930)*. VII Congresso Brasileiro de História da Educação, Universidade Federal de Mato Grosso/Instituto de Educação. Cuiabá- MT, 2013.

REIS, M<sup>a</sup> da C. S. *O Sampauleiro: romance de João Gumes*. Tese, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004. (Tese de doutorado em Linguística)

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Prefácio de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992 [1975].

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

RUBIO, L. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel, 1983.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novissimo dicionario latino-portuguez*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1896.

SILVA, J. A. A. da S.; SOUSA, V. V; GUIMARÃES, M. A. de S. Aspectos sócio-históricos do Português Popular do Brasil: contato social e constituição histórica. In: SOUSA, V. V; SILVA, J. A. A. da S (orgs). *Variação e mudança linguística na língua portuguesa: caminhos sociolinguísticos e (sócio)funcionalistas no sertão da Ressaca*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorisation: prototypes in linguistic theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

Artigo recebido em: 31/03/2018.

Artigo aceito em: 02/08/2018.

Artigo publicado em: 02/08/2018.